

A nova crítica no ciberespaço: reflexões sobre o impacto dos *Booktubers* e *Booktokers* no consumo de literatura na contemporaneidade

The new critique in cyberspace: reflections on the impact of *Booktubers* and *Booktokers* on literature consumption in contemporary

 Monalisa Barboza Santos Colaço

 Ially Rubia da Silva

 Maria Benigna de Moraes Neta

Resumo: Diante da evolução tecnológica, que transforma os nossos modos de agir, ser e estar no mundo, urge a necessidade de refletirmos sobre o papel da literatura nos meios digitais. Este trabalho objetiva refletir sobre o impacto da nova crítica literária representada pelos *booktubers* e *booktokers* e como ela influencia na formação de novos leitores. Portanto, teceremos uma análise crítico-reflexiva na tentativa de explicarmos o contraste entre a eficácia dos mecanismos de organização e estética utilizados por esses criadores de conteúdo em vídeos literários para capturar a atenção do público, influenciando na decisão de compra das obras e os desafios associados à superficialidade.

Monalisa Barboza Santos Colaço. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba. Atua como Professora Substituta no curso de Licenciatura em Letras, no Campus I daUEPB.

Ially Rubia da Silva. Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba.

Maria Benigna de Moraes Neta. Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba.

lidade na interpretação dos textos literários. Essas questões terão um desdobramento mediante uma pesquisa de natureza metodológica bibliográfica com base nos pressupostos em torno da mutação da literatura na contemporaneidade, discutido por Perrone-Moisés (2016), bem como os desafios da leitura no mundo digital, debatido por Chartier (2002).

Palavras-chave: Literatura. Crítica Literária. Ciberespaço. *Booktubers*. *Booktokers*.

Abstract: In light of technological developments, which have transformed our ways of acting, being and being in the world, there is an urgent need to reflect on the role of literature in digital media. This ongoing research aims to reflect on the impact of the new literary criticism represented by booktubers and booktokers and how it influences the formation of new readers. Therefore, we will carry out a critical-reflexive analysis in an attempt to explain the contrast between the effectiveness of the organizational and aesthetic mechanisms used by these content creators in literary videos to capture the public's attention, influencing the decision to purchase the works and the associated challenges to superficiality in the interpretation of literary texts. These questions will unfold through bibliographic methodological research based on the assumptions surrounding the mutation of literature in contemporary times, discussed by Perrone-Moisés (2016), as well as the challenges of reading in the digital world, discussed by Chartier (2002).

Keywords: Literature. Literary criticism. Cyberspace. Booktubers. Booktokers.

Introdução

Na contemporaneidade, com a evolução da tecnologia e a proliferação de seus dispositivos, influenciando e moldando nossos modos de ser e estar no mundo, torna-se mais do que necessário refletirmos sobre o papel da literatura nos meios digitais ou *ciberespaço*, termo utilizado

por Defilippo; Schøllhammer (2019), e que retomaremos neste trabalho. Diante dessas mudanças tecnológicas, diversos teóricos refletem sobre uma possível decadência do campo literário, isso porque os impactos dessa mutação, que inclui a informatização, beneficiam por um lado a produção e a comercialização de livros em diversos formatos, mas também incide numa leitura acelerada em contraponto a uma leitura lenta e reflexiva. Tais preocupações estão na ordem do dia, ou seja, trata-se de um reflexo do nosso tempo, da contemporaneidade, uma vez que a falta de distanciamento temporal faz com que as consequências dessas mutações se tornem desconhecidas. Contudo, uma das questões iniciais é de que a pretensa morte ou fim da literatura passa a ser uma ideia apocalíptica caduca, conforme afirma Perrone-Moisés (2016, p. 25), ou seja,

nunca se publicou tanta ficção e tanta poesia quanto agora. Nunca houve tantas feiras de livros, tantos prêmios, tantos eventos literários. Nunca os escritores foram tão mediatizados, tão internacionalmente conhecidos e festejados. Fica claro, então, que quando se fala do fim da literatura, não estamos falando da mesma coisa (Perrone-Moisés, 2016, p. 25).

Diante disso, percebe-se que a literatura é um conceito que está em constante mudança/mutação, sendo histórica, em muitos momentos, refletiu-se sobre o seu modo de produção e recepção. Uma das formas de buscar entender as mudanças na literatura é compreender que ela está diretamente ligada às mudanças culturais e o advento das novas tecnologias torna esse debate algo urgente, pois que a *internet* e seus diferentes ambientes estão presentes e modelam (em larga escala) a nossa vivência, o nosso cotidiano e as nossas relações — ora ampliando nossas perspectivas e possibilitando o acesso a uma pluralidade de sa-

beres, ora nos limitando ainda mais em nossas bolhas, dando suporte a uma espécie de enclausuramento — refletir sobre esse assunto ainda é bastante complexo, no entanto, não se pode negar a influência e a força que o *ciberespaço* exerce na atualidade.

Consequentemente, o fazer literário e até mesmo o próprio conceito de Literatura não saem ilesos, pois atravessam e são atravessados por uma pluralidade de caminhos possíveis no ambiente virtual. Nesse sentido, estamos em um momento de muita fertilidade no campo literário: com muitas publicações, surgimento de novos escritores e “um desenvolvimento significativo de movimentos como fazer, comentar e consumir literatura” (Defilippo; Schøllhammer, 2019, p. 84) — esses movimentos tornam-se ainda mais potentes em decorrência dos dispositivos contemporâneos inseridos na esfera virtual, gerando transformações e criando possibilidades para se pensar acerca do papel da Literatura, da circulação e produção de obras e, sobretudo, da nova crítica — sendo o foco deste trabalho.

Diante disso, o nosso objetivo é refletir sobre o impacto da nova crítica literária, representada, aqui, pelos *booktubers* e *booktokers* e como ela influencia na formação de novos leitores. Esta pesquisa tem uma natureza metodológica bibliográfica com base nos pressupostos em torno da mutação da literatura na contemporaneidade, discutido por Perrone-Moisés (2016), bem como os desafios da leitura no mundo digital, debatido por Chartier (2002), além de se utilizar de considerações construídas por Nina (2007); Defilippo; Schøllhammer (2019) e Depexe; Freitas (2023).

Este trabalho se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, construímos um breve preâmbulo acerca da crítica literária (desde a crítica jornalística à contemporânea); após isso, pontuamos como esta se apresenta, focalizando no fenômeno dos *booktubers* e

booktokers. Por meio de uma análise crítico-reflexiva, refletimos, pois, sobre o contraste entre a estética e a eficácia dos mecanismos de organização utilizados por esses criadores de conteúdo em vídeos para capturar a atenção do público, influenciando na decisão de compra das obras e os desafios associados à superficialidade na interpretação dos textos literários, visando estabelecer uma discussão conciliadora no tocante à manifestação dessa nova crítica, de modo que contemple suas nuances e, ao mesmo tempo, as evidencie, refletindo sobre a influência delas.

Entre o antigo e o contemporâneo: breve reflexão acerca do percurso histórico-cultural da crítica literária

No século XIX, o surgimento da crítica literária se manifestou proeminentemente nos periódicos da imprensa, cujos veículos se configuraram como palcos de embate entre os escritores. “Elogiar livros de colegas ou, por outra, destruir a obra dos desafetos mostrava o quão parciais e inexperientes eram os críticos de então” (Nina, 2007, p.21). Nesse contexto, os literatos empregavam essas plataformas midiáticas para externar juízos de valor, seja mediante a exaltação, seja através da crítica, em relação às obras de seus colegas. Desde então, os críticos têm atuado como mediadores entre o autor e o leitor.

Entretanto, na virada do século XIX para o século XX, a crítica jornalística disputou espaço com a chamada “crítica de rodapé”. De acordo com Nina (2007) tal gênero foi concebido pelos “homens das letras”, intelectuais que se utilizavam da eloquência e da erudição, com o fito de persuadir os leitores subjetivamente. O mais destacado entre eles, Álvaro Lins, assim como os demais, situava o referido texto entre a crônica e o noticiário, “sem o respaldo de teorias — afinal, ainda não havia facul-

dade de letras nem teóricos da disciplina” (Nina, 2007, p. 24). Lins teve o privilégio de analisar obras clássicas que estrearam em décadas posteriores ao modernismo, tais como *Perto do coração selvagem* (1944), de Clarice Lispector, e *Sagarana* (1946), de Guimarães Rosa.

Na segunda metade do século XX, a crítica literária viu seu espaço diminuir devido a mudanças sociais e tecnológicas. Essas transformações resultaram na reconfiguração dos espaços dedicados à crítica literária nos meios de comunicação. Além disso, nos jornais cotidianos, as resenhas se tornaram mais comuns em comparação aos ensaios, evidenciando uma adaptação na abordagem crítica diante da evolução do meio de comunicação. O contexto de competição com outras formas de entretenimento, a transformação das editoras em grandes corporações e a mistura entre crítica e publicidade também contribuíram para a alteração do cenário da crítica literária nesse período. Todavia, mesmo caindo em desprestígio, a crítica continua viva, porém com uma nova configuração. Perrone-Moisés (2016, p. 61) classifica a crítica literária contemporânea em três categorias:

A crítica universitária, que se manifesta na forma de artigos longos, destinada a leitores especializados; a crítica jornalística praticada nos meios de comunicação imediata, impressa ou eletrônica, que se manifesta em textos curtos e informativos; a crítica exclusivamente eletrônica dos blogs, que exprime opiniões sobre as obras publicadas (Perrone-Moisés, 2016, p. 61).

A crítica universitária é mais inclinada para uma abordagem objetiva, afastando-se de avaliações subjetivas. Essa modalidade de crítica prioriza exames minuciosos dos métodos empregados por escritores, especialmente aqueles do passado, inserindo-os em seus contextos históricos. Essa forma específica de crítica é predominantemente con-

sumida por acadêmicos e publicada em revistas especializadas ou atas de eventos científicos. Por outro lado, a crítica jornalística adota uma abordagem pragmática, divulgando o lançamento de novas obras, resumindo seus conteúdos e emitindo julgamentos de valor em textos concisos destinados à leitura rápida. Já a crítica em *blogs*, embora compartilhe traços dinâmicos e julgativos com a crítica jornalística, distingue-se por ser conduzida de maneira individual e, muitas vezes, carecer de uma base sólida, dada a natureza anárquica desse meio de expressão online.

Com o avanço tecnológico e, conseqüentemente, a rápida proliferação das plataformas digitais, a crítica literária ganhou uma importância significativa no espaço virtual. Ela está presente em praticamente todos os lugares, no *Youtube*, no *TikTok*, no *Instagram*, entre outros. Os *booktubers* e *booktokers* — *influencers* e novos críticos da contemporaneidade — aproximam a sua apreciação à crítica de rodapé em alguns aspectos. Primeiramente em relação à publicidade e, em segundo lugar, ao entretenimento, cujo consumo rápido acompanha a velocidade dos novos tempos, podendo ser tomada como uma leitura mais fácil e agradável ao leitor.

A nova crítica representada pelos *booktubers* e *booktokers*

Conforme o acordado até aqui, fica-nos evidente que a crítica se modificou. Em consonância com Perrone-Moisés (2016), acreditamos que a ascensão dos meios audiovisuais e da cultura de massa teve forte influência nesse processo. Podemos perceber que a crítica literária acabou por se inserir em uma crítica cultural ampla e diversificada, o que outrora denominávamos de suplementos literários transformou-se, atualmente, em suplementos culturais que incluem artigos e

ensaios sobre livros e outras manifestações artísticas. Com isso, duas proposições ficam evidentes a respeito dessa nova crítica: primeiro, em relação a sua ampliação, pois não está mais limitada aos antigos suplementos literários e nem tampouco restrita à academia, mas alcançou outros espaços, como o ambiente virtual.

Os críticos literários comumente eram associados aos grandes intelectuais, escritores assíduos que dominavam a “arte da palavra” e que “viam os jornais como uma arena em que expunham suas rixas pessoais [...] a agressividade não era incomum” (Nina, 2007, p. 22). Já na atualidade, podemos notar que há uma mudança no tocante a quem produz essa nova crítica, nesse sentido, o fenômeno dos *booktubers* e *booktokers* ganham destaque. Segundo, notamos que em certa medida as formas de análise transformaram-se, embora, como veremos mais adiante, ainda recaia em um juízo de valor, ganha um caráter diferente, não há mais tanta preocupação com aspectos estilísticos ou estruturais das obras, o enfoque maior está no compartilhamento (baseado em gostos pessoais e/ou mercadológicos), na temática e em uma possível mediação da leitura, ou seja,

o ato de compartilhamento, característico das plataformas, faz com que o leitor também compartilhe o que lê [...] as motivações para a produção de conteúdo literário estão atreladas à paixão por livros, a possibilidade de compartilhar gostos em comum e criar laços. [...] as plataformas tornam-se local de encontro, divulgação, interação e identificação entre os leitores, os quais encontram na rede maneiras coletivas de abordar e popularizar a leitura (Depexe; Freitas, 2023, p. 272).

Assim, à medida que os leitores (ou os mais novos críticos literários) se apropriam do *ciberespaço* para falar sobre livros, “mediando” certas discussões, criam comunidades engajadas e dinâmicas. Um dos

grupos que representa essa nova crítica é os *booktubers* (termo que surgiu nos Estados Unidos em 2011). De acordo com Defilippo; Schøllhammer (2019), eles inserem seus conteúdos na plataforma *Youtube* e dela se utilizam. Os vídeos costumam ter duração máxima de 15 a 20min, neles as obras são apresentadas e comentadas. Geralmente, apontam o motivo de as terem escolhido e fazem algumas considerações que, a nosso ver, ainda recaem em uma visão imanentista e valorativa. Ora falam sobre seus gostos literários, sobre os livros “recebidos do mês” (geralmente com patrocínio de editoras), ora falam sobre obras, propriamente ditas, e as indicam¹.

Os *booktubers* são considerados influenciadores digitais e muitos deles, devido à popularização dos seus canais, fizeram/fazem do *Youtube* sua principal fonte de renda, além disso, viraram “os queridinhos” do mercado editorial, tendo em vista o seu poder de influência. Acerca disso, Defilippo; Schøllhammer (2019, p. 86) entendem que

este fenômeno tem: (i) movimentado o mercado editorial, aumentando a venda dos livros impressos, em uma dinâmica contrária aquela profetizada no início do século acerca da morte do livro; (ii) reavivado os quase extintos clubes do livro, atualmente através de encontros virtuais ou proporcionados e estimulados por livrarias e editoras que veem nesta oportunidade uma forma

1. Sobre a produção desses conteúdos literários, ao problematizar a literatura como herança, Perrone-Moisés compartilha uma experiência ao digitar “herança literária” no Google. Ela, então, deparou-se com “numerosas entrevistas com amantes de livros, quase todos muito jovens (menos de vinte anos), que mostram e comentam alguns itens de suas pequenas bibliotecas (que aparecem ao lado ou no fundo da tela). O objetivo da tag não é, como eu esperava, falar dos livros que eles herdaram, mas daqueles que eles deixaram de herança. Passei algumas horas vendo os depoimentos desses jovens, todos muito bonitinhos e simpáticos. A primeira pergunta a que eles respondem é: ‘Qual é o livro mais caro, e o mais barato, que você comprou?’ e os primeiros comentários são sobre o tamanho dos livros (grossos ou finos) ou sobre as capas. Nota-se um fetichismo do livro. A maneira como eles mostram e manuseiam os volumes que possuem revelam um apego ao objeto, que se orgulham de ‘ter’, em oposição inconsciente ao mundo digital em que eles estão, no qual nada é palpável” (Perrone-Moisés, 2016, p. 57).

de divulgação de certa obra ou escritor (Defilippo; Schøllhammer, 2019, p. 86).

Além disso, desenvolvem uma popularização e sociabilidade da literatura e, sobretudo, do livro ao “criar redes de compartilhamento, amizade e estímulo através do texto literário” (Defilippo; Schøllhammer, 2019, p. 86), impactando, conseqüentemente, nas estruturas econômicas e encontros literários nacionais, como Bienal e FLIP, sendo participantes assíduos desses eventos e exercendo influência na compra e venda de livros. Embora os *booktubers* ainda tenham seu lugar no tocante a essa “mediação” crítica e compartilhamento de gostos literários, já é considerado ultrapassado, quando comparado aos *booktokers*, vistos, atualmente, como uma classe que se apropriou da plataforma *TikTok* para dar movimento a leitura, analisar obras e “esquentar” ainda mais o mercado editorial.

O *TikTok* teve seu estopim através de vídeos relacionados às dublagens de áudios e músicas, porém, à medida que o tempo foi passando, essa variedade de conteúdos aumentou exponencialmente. O aplicativo é formado por um

sistema de *tags* que compila o conteúdo, permitindo sua localização através da ferramenta de buscas. Por essa razão, a maioria dos vídeos publicados na plataforma utiliza recursos de tagueamento, legendas e adesão a *trends*, para que possam acumular engajamentos e figurar na For You (Para Você), página principal do *TikTok*, na qual o usuário tem contato com o conteúdo de maior relevância para ele dentro da rede social (Depexe; Freitas, 2023, p. 273) [grifos das autoras].

A rede é formada por meio de *tags* e de um conjunto de vídeos organizados segundo os gostos e escolhas do usuário e não, necessaria-

mente, ligado à popularidade dos perfis, esse funcionamento é identificado como “gráfico de conteúdo” (Cf. Walter *apud* Depexe Freitas, 2023). Além disso, o *TikTok* se diferencia das demais redes sociais pela sua praticidade na criação e edição de vídeos. Exposto isso, podemos destacar que é justamente nesse ambiente ou nicho virtual que se organizam comunidades literárias bastante engajadas e uma crítica presente e atuante, Depexe e Freitas (2023, p. 276, *grifo das autoras*) pontuam que “as recomendações de obras, no geral, podem ser vistas em formato de resenhas ou por *trends* específicos como: “*cinco livros que me fizeram chorar*”, “*livros que você precisa ler*”, “*livros para ler em 24h*”, além de *vlogs* de leitura e “*fococas literárias*”, tudo isso reunido em vídeos relativamente curtos e gravados com uma produção de roteiro estruturado, mas que pode ser, ao mesmo tempo, improvisado, sobretudo, em relação às roupas e os espaços de gravação.

É notório que, por meio dessa nova crítica, uma crescente circulação de obras e um compartilhamento e mediação necessários à leitura acontecem. E isso é, a nosso ver, positivo. No entanto, nos parece que o conteúdo produzido, muitas vezes, escapa à análise crítica e reflexiva, recaindo sobre paráfrases valorativas, fundamentadas e limitadas ao “gosto/não gosto”. Acerca disso, Perrone-Moisés (2016, p. 68) destaca que

a crítica exige bagagem cultural e argumentos, e estes necessitam de um mínimo de fundamentação teórica, que só se adquire na prática de muita leitura *de* e *sobre* literatura. Como todas as especialidades, a crítica literária requer formação e profissionalismo (Perrone-Moisés, 2016, p. 68).

Nesse sentido, para se fazer uma leitura crítica de determinada obra é necessária uma base sólida de bagagem cultural e argumentação embasada, no entanto, quando paramos para ouvir, observar e analisar

muitos comentários de “críticos” na atualidade, tanto em *blogs*, como também em *sites* e aplicativos digitais (e aqui, pensando, justamente, na atuação dos *booktubers* e *booktokers*) percebemos a necessidade de se problematizar o lugar desse tipo de produção no âmbito da crítica literária, porque nos parece que esses produtores de conteúdo limitam-se apenas as suas preferências pessoais.

Ao aproximar esta discussão à formação de leitores, pode-se considerar a problematização realizada por Umberto Eco e a diferenciação entre os leitores semânticos e leitores críticos e estéticos. Segundo esse raciocínio, o leitor semântico é entendido como um leitor de primeiro nível no qual o interesse se baseia em saber o que acontece na história, enquanto o leitor crítico compreenderá como aquilo que acontece foi narrado. Aproximando esses tipos de leitores e a produção de conteúdo, as mais das vezes, é comum nos depararmos com títulos que indicam as impressões ou uma “resenha” de um livro lido, mas que estaria mais próximo de uma paráfrase da história e não, necessariamente, uma ênfase sobre o modo como ela foi narrada ou fatores estéticos. Este elemento dialoga, pois, com a essa compreensão dos tipos de leitores, impactando também na produção literária e editorial. Em outros termos,

é preciso convir que, nos dias que correm, os leitores semânticos tendem a ser infinitamente mais numerosos do que os leitores estéticos. E que, conseqüentemente, as obras fáceis de ler, isto é, aquelas que só os acontecimentos importam, dominam o mercado editorial. Podemos estender as considerações de Eco aos leitores da mídia impressa e da mídia eletrônica. Cada vez mais, os “leitores semânticos” predominam sobre os “leitores críticos”, e é em função dos primeiros que os textos são aí redigidos (Perro-ne-Moisés, 2016, p. 48).

Além disso, embora haja toda uma fluidez e uma circulação do que é produzido, há por trás, conforme mencionado, uma visão mercadológica e publicitária que não pode ser ignorada. Posto isso, essa reflexão é atravessada por uma visão na produção crítica da literatura, pelo viés de uma preservação de critérios de qualidade que resistam à indústria cultural e que toma a literatura como um mero bem de consumo, direcionada a um público pouco exigente e que culmina numa homogeneização dos produtos e do público. Mesmo diante desses impasses, não podemos negar a influência dessa nova crítica na formação de novos leitores, por exemplo,

em 2019, a escolha de um livro para leitura a partir da indicação de *booktubers*, *bookgramers* e *booktokers* é citada por 3% dos respondentes da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Esse índice sobe para 28% em 2022, na versão da pesquisa realizada durante a 26ª Bienal Internacional do Livro em São Paulo (Depexe; Freitas, 2023, p. 270) [grifos das autoras].

Ainda sobre esses dados, em 2022, de acordo com a reportagem do *Jornal O Globo*, a 26ª *Bienal Internacional do Livro de São Paulo* teve setores separados para os livros que mais fizeram sucesso nas plataformas digitais, sobretudo, os que foram indicados pelos produtores de conteúdo, além de terem sido os mais vendidos do evento. Segundo Depexe; Freitas (2023), ao passo que os *booktubers* e *booktokers* possuem esse poder de alcance, tornam-se críticos bastante influentes, agentes que conseguem intervir no funcionamento do campo literário. Diante disso, podemos perceber que adolescentes e jovens acabam por recorrer ao *ciberespaço* e a essas comunidades porque se sentem acolhidos e veem uma diversidade nesses ambientes e pluralidade de temáticas (como, por exemplo, obras LGBTQIAPN+ e com represen-

tatividade negra) que, por vezes, não são abordadas na escola, nessa trilha percebe-se que

os vídeos possuem uma linguagem fácil e descontraída, despertando o interesse do usuário do TikTok na leitura. Essa dinâmica é parte importante do processo de identificação do leitor, pois reconhece no produtor alguém que compartilha do mesmo universo de interesse (Depexe; Freitas, 2023, p. 278).

Além disso, a nova crítica, representada pelos *booktubers* e *booktokers*, trabalha assiduamente na divulgação de livros de autores independentes presentes na plataforma *Kindle Unlimited* e amplia a discussão a respeito da noção de livro para além da materialidade do papel, elemento que desperta a atenção de pesquisadores, uma vez que

nos encontramos às vésperas de uma semelhante mutação e que o livro eletrônico irá substituir ou já está substituindo o códex impresso, tal como o conhecemos em suas diversas formas: livro, revista, jornal? Talvez. Porém, o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica (Chartier, 2002, p. 106-107).

Assim, podemos perceber que essa nova crítica cria caminhos que ampliam e interferem em critérios e valores já consolidados há séculos a fio. Alguns posicionamentos em torno dessa problemática podem ser tomados como elitistas ou que trabalham em defesa de uma “alta literatura”. Contudo, é importante compreender essa multiplicidade de pontos de vistas que olham para a diversidade de prática artística e que estabelecem juízos estéticos. Quanto a isso, Perrone-Moisés afirma que tal julgamento não pode estar baseado apenas numa questão

de gosto, a obra literária não deveria ser medida apenas em termos de consumo, ou seja, que visa sua vendagem ou publicidade. Tal observação é urgente em nossos tempos, em que

o valor de um indivíduo é medido pelo número de seus seguidores na internet, e o valor das coisas é identificado pelo preço no comércio. Na cultura atual, dominada por um mercado que trata as obras de arte como produtos vendáveis, a literatura pode inserir-se como mercadoria, ou pode resistir, como bem imaterial (Perrone-Moisés, 2016, p. 37).

Por outro lado, o ato de discutir livros, acima de tudo, representa uma conquista significativa para a literatura. Apesar das discussões sobre o conceito de “lugar de fala” abordarem temas como gênero, classe social, sexualidade, raça e etnia, é notável que os canais literários estão desempenhando um papel democrático ao permitir que vozes historicamente silenciadas no contexto da crítica literária possam finalmente se expressar (Cf. Defilippo; Schøllhammer, 2019). Percebemos que a ascensão econômica e cultural não se desfilia da tecnológica, esse aspecto é considerado tendo em vista a desterritorialização da literatura e, sobretudo, da nova crítica.

Apesar disso, é interessante compreender que a possível falta de qualidade nos conteúdos vinculados na rede não atrai uma culpa à internet, esses elementos devem ser problematizados também no campo do ensino, de modo que haja uma maior orientação desses leitores incipientes, bem como do incentivo da leitura no seio familiar, de modo que a prática possa ser um prazer e não uma obrigação. Ainda sobre isso, deve-se considerar que é inegável que a internet possibilitou o aparecimento de novos leitores críticos através de sites, blogs e redes sociais. Com isso, é necessário entender que o problema da crítica na

internet pode ser comparado aos obstáculos enfrentados pela produção literária atual, ou seja,

sua criação espontânea e seu acesso desprovido de qualquer filtro de qualidade. Enquanto a obra literária impressa tem como garantia mínima o International Standard Book Number (ISBN) que prova ter ela sido aceita por algum editor, e a crítica literária impressa tem o aval de uma revista ou jornal, as obras e comentários apenas virtuais não tem chancela alguma de qualidade, podendo variar do ótimo ao péssimo. Cair num tipo ou no outro depende da sorte do internauta (Perrone-Moisés, 2016, p. 68).

Para a literatura como um todo, talvez os benefícios superem, por enquanto, as desvantagens. Anteriormente, a leitura estava restrita a ambientes escolares e a um grupo seletivo, onde os livros eram indicados por professores, pais e bibliotecários em situações de avaliação ou obrigação. Atualmente, a recomendação de livros entre pares cria uma comunidade mais ampla que pode se engajar e falar sobre literatura. Não existe mais uma autoridade única, como ocorria com os críticos de rodapé; em vez disso, temos leitores conscientes, embora ambos os conceitos mereçam uma análise mais aprofundada.

Considerações finais

É perceptível que em nosso contexto temos provas da grande vitalidade, quantidade, variedade e de qualidade, na prática de literatura e em seu processo de recepção. Esse tempo de mudanças relaciona-se a um momento cultural de mutação acelerada que, as mais das vezes, está inserida em uma série de afirmações apocalípticas.

A mutabilidade, a produção e difusão de conteúdo nas redes, ao passo que constitui em um avanço da democratização do acesso à pro-

dução, traz uma dificuldade a mais para chegar a qualquer tipo de conclusão. Chartier (2002) indica que essa relação com o mundo digital e o texto impresso altera a relação entre o leitor e o livro, pois o próprio conceito de livro tem sofrido alterações.

Diante disso, a relação entre a literatura e o *ciberespaço* está possibilitando a inserção e novas formas de olhar para a produção literária, movimento esse que deve ser avaliado cuidadosamente, uma vez que estes caminhos interferem diretamente em conceitos e valores cristalizados. Dito isso, as dinâmicas entre autores, leitores e editores estão modificando-se, porque está ocorrendo uma quebra de barreiras que restringiam a literatura a um meio, fazendo com que esses grupos dialoguem, seja por demandas editoriais ou até pela relação com o processo de recepção (que envolve, inclusive, a difusão pelas redes sociais) e, conseqüentemente, da crítica. Em suma, o nosso intuito, por meio deste trabalho foi perceber como a relação entre a literatura e o *ciberespaço* se constrói e como ela possibilita e cria novas formas de olhar para a produção literária.

Referências

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DEPEXE, S.; FREITAS, M. J. dos. S. “Tá, tá movimento”: a indústria editorial e o TikTok no Brasil. *Comun. Mídia Consumo*. São Paulo, v. 20, n. 58, p. 265-284, mai./ago. 2023. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2802>. Acesso em: 5 de dez. de 2023.

GABRIEL, R. S. Bienal do Livro mostra força do Tiktok entre jovens leitores. *O Globo*. 6 de jul. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/07/bienal-do-livro-de-sao-paulo-mostra-forca-do-tiktok-entre-jovens-leitores.ghtml>. Acesso em: 5 de dez. de 2023.

NINA, C. *Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas*. São Paulo: Summus, 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SCHOLLHAMMER, K. E.; DEFILIPPO, J. G. Ciber caminhos da crítica: Prolegômenos para pensar a crítica brasileira literária em ambiente virtual. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 20, n. 35, p. 83-100, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1951>. Acesso em: 29 de nov. de 2023.

Recebido em: 04/01/2024

Aprovado em: 21/03/2024

Licenciado por

